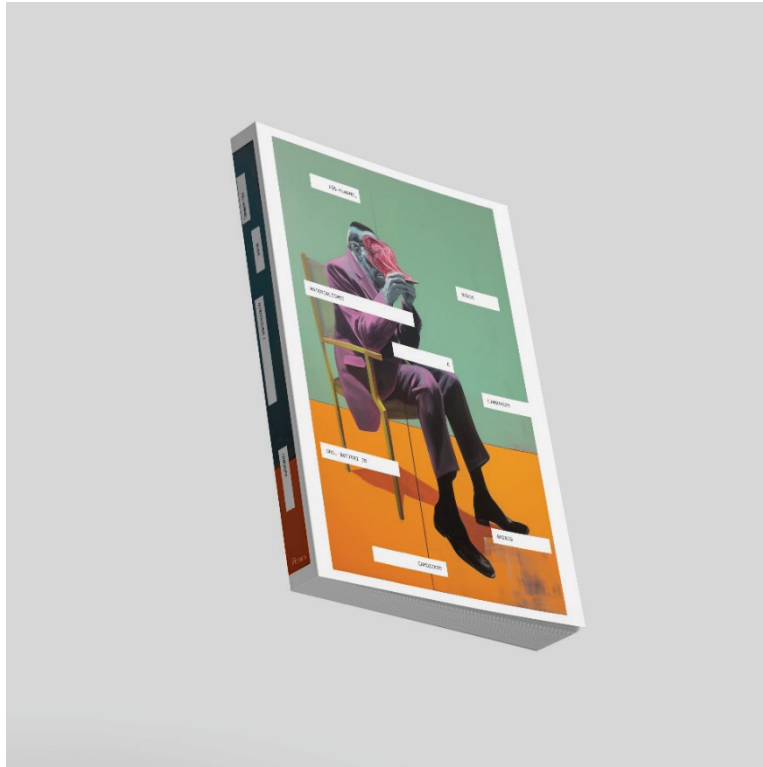


RESENHA/*REVISIÓN*/REVIEW



FAZER UM LIVRO, FAZER UM MUNDO: “PÓS HUMANO, NOVOS MATERIALISMOS E LINGUAGEM”

BUTTURI JUNIOR, A.; BUZATO, M.; CAMOZZATO, N. (org.). *Pós-humano, novos materialismos e linguagem*. Campinas: Pontes Editores, 2024.

Maria Karolyna Rodrigues Silvano*

Clara Urzedo Rocha Motta**

Universidade Federal de Santa Catarina

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC e bolsista CNPq. E-mail: mariasilvano90s@gmail.com.

** Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da UFSC e bolsista FAPESC. E-mail: clara.urm@gmail.com.

Em *Pós-Humano, novos materialismos e linguagem*, Atilio Butturi Junior, Marcelo Buzato e Nathalia Muller Camozzato organizam uma coletânea de textos heterogêneos que compartilham entre si o solo úmido de métodos e teorias povoados por comunidades compostas. Segue-se uma ordem: na primeira parte, seis artigos; na segunda, quatro traduções. As injunções pós-humanas e neomateriais tomam início antes de qualquer leitura, através da imagem que ilustra a capa do exemplar; gerada através de inteligência artificial, a I.A. serve como um exemplo expresso de intra-ações humanas e não-humanas; no caso, um homem, um terno, um bico de pássaro; a figura do *homo sapiens* nascida não através de maquinações biológicas de criatividade direta, mas combinações algorítmicas; um ciborgue. Para a obra que aqui resenhamos, tal ciborgue é indispensável: nele, é implicado o dissolvimento de fronteiras entre humano/animal/máquina, natural/artificial, mente/corpo, físico/não físico (Santaella, 2024, p. 48).

Seguimos. A intra-ação do humano com não-humano como fio condutor que perpassa os seis artigos iniciais não se prende apenas a ele, tendo interesse também em uma ancestralidade que desafia a dicotomia do vivo e do não-vivo (Pedrotti e Severo, 2024, p. 161). O mote é claro, seguindo o título: colocar o pós-humano e o neomaterialismo no interior de um pensamento linguístico (Butturi Junior, Buzato e Muller Camozzato, 2024, p. 7). Cabe destacar que o pós-humano que interessa ao livro não é o mesmo transumanismo como embocadura do movimento cultural transumano do Vale do Silício estadunidense, mas sim o pós-humanismo aplicado à filosofia (Santaella, 2004, p. 43).

Com respeito a lingua(gem), postulados fulcrais da área são desafiados. Com a biotecnovoz, Muller Camozzato não busca definir **o que** é voz mas **como** a voz (p. 84); entendendo a onda dos hertz (Hz) como perturbação de um meio, relacionando-a também com a gênero-dissonância, material que transborda fronteiras de gênero. (p. 87); Espíndola Braud Martins e Ferreira Viana (2024) pensam a Linguística Aplicada em questões pós-humanas, focando no corpóreo (p. 124), defendendo que uma visão antropocêntrica de linguagem que utiliza uma ideia específica de humano vêm perdendo a pertinência na produção de conhecimento dentro do capitalismo contemporâneo, (p. 123). Segundo os autores, o dialogismo de Saussure supõe uma compreensão mútua baseada num modelo espelhado de produção/recebimento de linguagem; o significado e o significante num esquema fixo de interação verbal (p. 139), e uma simples introdução de barulho de carros, ou a substituição por uma máquina em algum dos lados dessa produção/recebimento destrói a sustentação homogeneizada humano-centrada postulada como necessária para que a comunicação aconteça (p. 140); pensar no ciborgue é considerar entidades não-humanas no mesmo nível de entidades humanas na produção de sentido (p. 146).

Em *Pós-Humano, novos materialismos e linguagem*, a tradução também não escapa dos desafios acerca da lingua(gem). Em meio a Ursula Le Guin e Stanisław Lem, Brzozowski (2024, p. 61) define com base em Quine (2010[1960]) a tradução radical como uma tradução onde falantes de uma língua x encontram falantes de uma língua y, desconhecidas entre si, e constroem hipóteses de tradução a partir das duas línguas; exemplificando as limitações da tradução radical como teoria que não leva em consideração a rica quantidade de evidência utilizada na linguística atualmente com base em histórias de primeiro contato entre falantes de língua x e y, como *A Chegada* (nos cinemas, dirigido em 2016 por Denis Villeneuve e roteirizado por Eric Heisserer e Ted Chiang, este último, escritor do conto no qual o filme foi baseado) e *Solaris* (2024, p. 61).

Muitas são as não-humanidades: encontramos fármacos como aqueles utilizados no *chemsex*, aqui traduzido como sexo químico (o *chem* é abreviação de *chemical*, inglês para químico), prática sexual entre homens gays cis sob o efeito de drogas, lido pelo autor como modalidade que resiste à produções do *good gay* (Butturi Junior, 2024, p. 14; de acordo com Halperin, 2017, 2008, 2006). Os artigos do livro conversam entre si, e sua leitura completa enriquece o que foi individualmente escrito. Pensando nos símbolos utilizados no aplicativo Grindr para representar o *chemsex*, o mesmo corpo que utiliza o Grindr com emoji de raio e foguete para indicar a preferência por sexo sob o efeito de substâncias apresentado por Butturi Junior (2024) é o corpo que compõe o sujeito-plataforma sugerido por Espíndola Braud Martins e Ferreira Viana (2024, p. 127); os autores sugerem uma nova formulação para conceber linguagem dentro da perspectiva ciborguiana de Haraway. Em ambos os casos, uma edição de si (p. 131) é gerida também por aplicativos.

A segunda parte é inaugurada pelo discurso proferido por Donna Haraway na ocasião do recebimento do Troféu Pilgrim em 2011 para a *Scene Fiction Research Association* (SFRA). A filósofa tece seu texto a partir de inúmeras homenagens à todos aqueles que a permitem pensar FC como esse “potente signo material-semiótico” (Haraway, 2024, p.192) que se desdobra em múltiplos sentidos: ficção científica, fabulação especulativa, figuras de corda, até então. Passando pela antropóloga britânica Marilyn Strathern, pelo matemático e filósofo norte-americano Alfred Whitehead e outros nomes importantes como Stengers, Le Guin, Octavia Butler e muitos outros, Haraway nos fornece elementos para a criação de um modelo de mundificação - entendido como o corpo a corpo da FC, a própria dinâmica de intra-ação - para esses tempos emaranhados e multifacetados. Cabe destacar a passagem onde ela provoca o termo “pós-humano”, contrapondo-o ao “com-posto”; para fazer referência ao *guman*, que se refere ao húmus, ao solo, já indicando a ligeira torção em seu pensamento que será materializada em seu mais recente livro “Ficar com o problema: fazer parênteses no Cthuluceno” de 2016.

Já em *Emaranhados material-discursivos: entendendo o conceito de dispositivo*, Thomas Lemke propõe uma compreensão material-discursiva da noção de governo em Foucault, situando-a para além de práticas de orientação antropocêntrica. Ele parte da noção de governo de coisas nos cursos de Foucault no Collège de France de 1977-88 para destacar uma perspectiva do dispositivo como um “arranjo de coisas” material-discursivo, além de destrinchar suas dimensões ontológica, tecnológica e estratégica. A leitura neomaterialista do texto foucaultiano nos permite radicalizar sua compreensão do discurso como aquilo que se dá de maneira indissociável de um conjunto de práticas ancoradas em diferentes tipo de materialidade.

A preocupação epistemológica, e consequente esforço metodológico, de Rosi Braidotti em *Um referencial teórico para as pós-humanidades críticas* fica em evidência na costura de uma espécie de colcha de retalhos conceitual capazes de formar um plano múltiplo de organização do conhecimento transdisciplinar; conhecimento produzido por meio de agenciamentos humanos, não humanos e mais que humanos. A autora lança mão de sua perspectiva vitalista para lateralizar conceitos que remontam a tradição filosófica da imanência com os novos horizontes inaugurados a partir das *assemblages* tipicamente pós-humanas.

No que tange o âmbito Linguística Aplicada, Alastair Pennycook irá colher as consequências do pensamento pós-humanista para a especificidade do campo. Sua definição do pós-humano como um conceito guarda-chuva que responde à necessidade de repensar o humano em meio aos desenvolvimentos ontoepistemológicos e biotecnológicos dos séculos XX e XXI fornece uma prisma fundamental tanto pela sua capacidade de síntese das críticas ao excepcionalismo humano, quanto pela aplicação das reverberações de uma compreensão mais distribuída da localização dos recursos semióticos e cognitivos.

Por fim, o livro atesta a fertilidade da dobra pós-humana e neomaterialista no pensamento linguístico: para além da multiplicidade de objetos e da versatilidade de usos dessa caixa de ferramentas conceituais, a compreensão mais distribuída dos recursos semióticos e a-semióticos se coloca como uma urgência diante de um presente frágil e um futuro incerto. O exercício especulativo no pensamento aparece como possibilidade de ampliação do campo discursivo para além de seu ponto de saturação, além de inaugurar outras estórias para além e aquém do horizonte apocalíptico do antropoceno. Nesse ínterim, cabe a nós “o sonho não de uma linguagem comum, mas de uma poderosa e infiel heteroglossia” (Haraway, 1991, p. 181). Trata-se, ao fim e ao cabo, da tentativa de operar uma abertura no paradigma languageiro para outras com-posições: mais que humanas, multiespecíficas e especulativas.

REFERÊNCIAS

HARAWAY, D. *Ficar com o problema: fazer parentes no Cthuluceno*. São Paulo: n-1 edições, 2016.

HARAWAY, D. *Um manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX*. In: HARAWAY, D. *A reinvenção da natureza – símios, ciborgues e mulheres*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2023 [1991]. p. 259-318.



Recebido em 04/09/2025. Aceito em 10/09/2025.

Publicado em 25/09/2025.